

NARCISISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE

| LÍVIA FREIRE DE MENEZES HERCULANO¹

RESUMO

As transformações na sociedade e na cultura no último século afetaram essencialmente a constituição do sujeito e as suas relações. Os conceitos desenvolvidos por Freud permanecem atuais, porém observa-se uma profusão de sofrimentos clínicos que se diferem dos estudados no início da Psicanálise. Anteriormente, as patologias observadas correlacionavam-se com aspectos da sexualidade, como a castração e o Édipo. Já os adoecimentos da pós-modernidade parecem ter maior proximidade com momentos primitivos do desenvolvimento do indivíduo, associando-se, por exemplo, ao narcisismo. Dessa maneira, o presente artigo visa estudar os deslocamentos e modificações culturais do mundo contemporâneo e o impacto das mutações na experiência psíquica do narcisismo, entendendo que estas podem determinar, direta ou indiretamente, as chamadas patologias da atualidade. O estudo propõe, ainda, uma reflexão acerca da vigente prática clínica e as possibilidades da existência de uma atuação que acompanhe as necessidades e vicissitudes da civilização.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Subjetividade. Narcisismo. Sofrimento psíquico. Patologias atuais.

ABSTRACT

In the last century society and culture transformations have essentially affected the subject constitution and his relations. The concepts developed by Freud current remains, but there is a profusion of clinical sufferings that differ from those studied at the beginning of Psychoanalysis. Previously, the pathologies observed correlated with aspects of sexuality, such as castration and Oedipus. The postmodern illnesses seem to be more closely related to primitive moments of the individual's development, associating, for example, with narcissism. In this manner, this article aims to study the cultural displacements and changes of the contemporary world and the impact of mutations on the psychic experience of narcissism, understanding that these can directly or indirectly determine the so-called pathologies of the present time. The study also proposes a reflection about the current clinical practice and the possibilities of the existence of an action that accompanies the civilization needs and vicissitudes

Keywords: : Contemporaneity. Subjectivity. Narcissism. Psychic suffering. Current pathologies.

¹ Psicóloga. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia de Fortaleza – Centro Universitário Farias Brito.

A constituição da subjetividade vincula-se com questões da ordem do individual e, ao mesmo tempo, encontra relação com o discurso econômico e político vigente em um determinado contexto social. No final do século XIX e início do século XX, Freud (1914/2015a) propõe sua teoria psíquica, que funda a Psicanálise e que está, portanto, atrelada irremediavelmente ao momento histórico de então.

Ao estudar esse período da história da Psicanálise e da humanidade, verifica-se que os conceitos desenvolvidos pelo autor se aplicam também à época atual, dizendo respeito à formação e estruturação do psiquismo. A reflexão discorrida neste trabalho trata dos sofrimentos psíquicos apresentados pelos sujeitos da atualidade, que parecem diferir dos estudados no início da formulação da teoria psicanalítica, podendo ter uma associação a problemáticas mais regressivas do indivíduo e ao fracasso do simbólico.

No início do século passado, com uma sociedade industrial em crescimento, as corporações públicas e familiares eram consideradas sólidas. Nesse período, segundo Dardot e Laval (2016), o liberalismo dito clássico, estruturado no final do século XIX e concomitante ao surgimento do conceito de democracia na sociedade ocidental, começou a apresentar algumas fraturas que culminaram, nas décadas seguintes, em crises sucessivas do capitalismo e mudanças profundas nos contextos social e subjetivo.

O momento atual da história da humanidade e do capitalismo, conforme Lipovetsky e Charles (2004), caracteriza-se pela globalização da economia, conquistas tecnológicas, consumo desenfreado, entre outros aspectos. No âmbito da subjetividade, observa-se a busca pelo prazer instantâneo, com relacionamentos fragilizados e padecimentos psíquicos. A configuração da sociedade contemporânea aponta para o predomínio do imediatismo, com instituições e famílias desestruturadas e relações frágeis, sem vínculo emocional consistente. Os autores argumentam que “toda uma cultura hedonista e psicologista surge incitando à satisfação imediata das necessidades, estimulando a urgência dos prazeres, enaltece o desenvolvimento em si, coloca num pedestal os paraísos do bem-estar, do conforto e do lazer” (p. 74).

A contemporaneidade traz novas e diversas formas de funcionamento social e relacional, cabendo a reflexão de como os conceitos postulados por Freud, como o narcisismo, adequam-se a este contexto e quais as mudanças que surgiram com a sociedade de consumo. Vê-se, no presente, uma continuidade dos indivíduos em estado narcísico, com a libido não suficientemente direcionada aos objetos, ademais de uma ausência de autoridade simbólica que possa mediar e pôr limites ao gozo do sujeito (Melman, 2003). A sociedade trocou uma cultura com desejos recalçados para outra em que se permite a busca pelo gozo a qualquer preço.

A falência das instituições, incluída a crise nas famílias e, por conseguinte, as falhas na constituição do sujeito, traz adoecimento e até novos quadros clínicos. Como relata Minerbo (2013), na realidade vigente, com as características de volatilidade pós-modernas, os indivíduos não conseguem constituir um significante em sua estrutura e, dessa forma, não se identificam com o outro, não vinculam suas pulsões às exigências do real e terminam por adoecer.

O propósito deste artigo é contribuir para o entendimento dos sofrimentos psíquicos da pós-modernidade, com a perspectiva da compreensão do conceito de narcisismo e considerando as mudanças sociais e econômicas que ocorreram na civilização desde o postulado da teoria de Freud no início do século XX. Pretende-se, desse modo, perceber os sofrimentos apresentados na clínica contemporânea como reflexos das mudanças no processo de subjetivação da atualidade, o que culminou no malogro das estruturas simbólicas e, conseqüentemente, na formação de indivíduos com defesas muito regressivas e fixados em um momento inicial do narcisismo.

DESENVOLVIMENTO

A teoria pulsional de Freud (1915/2015b) evidencia que as pulsões são constituintes dos seres humanos, existindo pulsões instintuais, como a fome ou a sede, e as pulsões sexuais, as quais abrangem a libido do sujeito. A libido não exige uma especificidade e pode tomar qualquer objeto como fonte de satisfação, apresentando, portanto, um caráter qualitativo. Do mesmo modo, ela também é quantitativa, pois é uma energia que aumenta, diminui, se divide ou se desloca.

Ela tem o objetivo de satisfação, mesmo que parcial, sendo uma força constante no aparelho psíquico.

A teoria freudiana sugere que toda pulsão implica a representação de um objeto, podendo ser este real ou fantasmático. Por conseguinte, o amor advém da capacidade do sujeito em amar-se e amar aos objetos, e se os objetos estão ausentes ou vazios, assim como o indivíduo, a problemática parece se dar em como o sujeito pode vincular-se e formar sua personalidade.

O amor deriva da capacidade do Eu para satisfazer autoeroticamente, pela obtenção do prazer do órgão, uma parte de seus impulsos instintuais. Ele é originalmente narcísico, depois passa para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, e exprime a procura motora do Eu por esses objetos, enquanto fontes de prazer. (Freud, 1915/2015b, p. 78-79).

O narcisismo definido por Freud (1914/2015a) é um estado normal do desenvolvimento libidinal do sujeito, descrevendo um momento inicial da vida do bebê em que suas pulsões sexuais buscam a satisfação no próprio corpo. A primeira satisfação da libido do Eu é o autoerotismo, ou seja, o prazer que o sujeito retira de si mesmo. Nessa fase, o bebê não consegue diferenciar o Eu do meio externo, obtendo a satisfação através de partes diversas de seu corpo. Em uma etapa seguinte do desenvolvimento, ocorre o desinvestimento da libido no Eu e o redirecionamento desta para os objetos. A passagem do narcisismo para o investimento nos objetos pode ser considerada a entrada do sujeito no mundo, que será mediada por suas imagens internalizadas e realizada, sobretudo, pela função materna.

O investimento libidinal dos pais, através de suas falas, atitudes e ações, atribui ao bebê todos os seus desejos. O autor defende que esse momento do desenvolvimento será o responsável pela formação do Eu-ideal, constituído, portanto, através da revivescência do narcisismo infantil dos pais. Como Freud (1914/2015a) relata em uma passagem, “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (p. 37).

Com o tempo, o bebê irá perceber os objetos como diferenciados de si, através, principalmente, da função materna. No desenvolvimento saudável do aparelho psíquico, a libido se vinculará também aos objetos externos e o bebê conseguirá separar o seu Eu dos objetos e a sua imagem corporal será unificada. O narcisismo primário estabelece, portanto, o Eu-ideal do sujeito, em que o Eu se coloca como sendo o seu próprio ideal, criando um sentimento de onipotência por parte do bebê.

O fim do narcisismo primário, com o advento do investimento objetal, marca também a transição do Eu-ideal para a instância do ideal-do-Eu, que busca uma satisfação que jamais será completa. O deslocamento do Eu-ideal para o ideal-do-Eu passa pela mediação do outro, por meio da experiência de castração. Dito isso, constata-se que é na relação com a alteridade que o sujeito será instituído. Freud (1914/2015a), portanto, sugere que “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (p. 29).

O narcisismo primário estabelece o Eu-ideal do sujeito, em que o Eu se coloca como sendo o seu próprio ideal. O surgimento do narcisismo secundário traz o ideal-do-Eu, que busca, incessantemente, atingir a satisfação anterior do Eu-ideal. No entanto, essa busca é constantemente abalada pela experiência de castração, através da mediação do outro, nunca sendo plenamente atingida.

O princípio de prazer formulado por Freud (1911/2013) mostra que a pulsão possui como objetivo sua descarga e consequente satisfação. Entretanto, existe a realidade, que serve como um guia do prazer, lembrando que a falta e a frustração são inerentes à existência humana. Nesta obra, o autor afirma “a substituição do princípio do prazer pela realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda” (p. 117).

A constituição do Eu implica, portanto, a consciência da existência do outro e a formação de uma fronteira com o meio. Winnicott (1945) revela que uma mãe suficientemente boa proporcionará os fundamentos de uma estrutura psíquica saudável ao sujeito, com percepção clara entre realidade e mundo interno. O autor

entende que o vínculo mãe-bebê é primordial e essencial para a maturação psíquica do indivíduo, assim como o seu crescimento afetivo. Já Lacan (1966) formula a teoria do estágio do Espelho mostrando que, na etapa inicial do desenvolvimento, o outro será constituinte e significante para a formação do Eu, correspondendo, por conseguinte, ao que Freud formula e ao estabelecimento do Eu-ideal.

NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

A contemporaneidade parece implicar em uma nova configuração do narcisismo e trazer prejuízos na passagem do Eu-ideal para o ideal-do-Eu, com dificuldades na instituição da castração. Minerbo (2013) apresenta a diferenciação entre modernidade e pós-modernidade, entendendo que na primeira a civilização ocidental encontrava-se sólida, suas instituições eram referências para o social e havia uma identificação do sujeito para com estas. Já a pós-modernidade aponta o dismantelo das instituições, não existindo um referencial externo e nem um significado único. O autor enfatiza que os laços simbólicos que uniam um significante a um significado tornaram-se tênues e corrediços.

Utilizando o mito do Édipo, Azambuja (2012) fala da solidão do homem contemporâneo, alegando que o sujeito está jogado no mundo em um estado de desamparo, cegueira e incompreensão, tal como o personagem da mitologia grega em sua saga. Inserido em um ambiente onde as instituições são frágeis e destituídas de poder, o sujeito encontra-se, portanto, sozinho, vazio e perambulando pela lógica do consumo.

Logo, existe uma cultura desunificada e paradoxal, visto que se tem um acesso fácil a diversos tipos de informações, produtos, contatos e, contraditoriamente, as relações são cada vez mais superficiais, as informações são efêmeras, os produtos logo se tornam ultrapassados (Lipovetsky, Charles, 2004). A inconstância e a volatilidade do sujeito terminam por ser uma porta aberta para o adoecimento psíquico, podendo-se pensar que o homem envolto em uma gama de estímulos e pessoas, está, contraditoriamente, cada vez mais sozinho, parecendo que a solidão se revela como um vazio de representações que o sujeito possui, tanto de si quanto do outro.

O sujeito da sociedade contemporânea move-se pela busca constante do sucesso e realização pessoal. Segundo Dardot e Laval (2016), o homem tornou-se uma empresa de si mesmo, e a lógica do empreendedorismo predomina nas relações. De uma sociedade cuja moral poderia ser administrada através da disciplina e de instituições estruturadas, passou-se a um momento histórico em que todos os desejos do sujeito estão ao seu alcance, não havendo espaço para frustração, cabendo ao próprio sujeito administrar-se. Ao contrário de a sociedade instituir direitos e deveres, com estabelecimento dos limites no gozo, o que se difunde é o prazer a qualquer custo.

Bauman (2004) retrata a crise que o sujeito pós-moderno vivencia, revelando a dificuldade dos indivíduos em estabelecer vínculos. Os relacionamentos são voltados para a fruição de um prazer momentâneo, individualista, com o consumo do objeto de prazer até que ele se esgote e possa ser descartado. As preocupações e motivações são individuais, reflexo do esvaziamento do espaço público, dos interesses coletivos e a decadência do engajamento político.

O autor argumenta que a liberdade individual é soberana na sociedade atual, e vive-se um estado de atenção constante para afastar qualquer indício de coletividade da subjetividade privatizada. O homem contemporâneo busca a identidade não pelo que ele é, mas pelo que consome, e assim o sujeito acredita, narcisicamente, que poderá satisfazer todas suas pulsões, sem se deparar com o desprazer. A ordem vigente é a de gozar a qualquer preço, desvalorizando o passado e atrelando suas satisfações a gratificações imediatas.

A definição romântica do amor como 'até que a morte nos separe' está decididamente fora de moda, tendo deixado pra trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. (Bauman, 2004, p. 19).

Diante desse cenário, a felicidade do sujeito representa um estado de onipotência similar ao narcisismo primário, e a lógica das relações perpassa a busca infindável pelo gozo. Para Zanetti (2012), a contemporaneidade reproduz práticas que não sustentam a alteridade e a convivência com o outro. A autora entende que a

subjetividade deve ser compreendida como um produto das relações, em que o sujeito se apropria do externo, tornando a realidade subjetiva.

Em uma cultura narcisista (Lasch, 1999), o homem, ao procurar referências fora de si, possui como principal interesse a expansão de sua autoimagem, com o outro lhe servindo como um objeto especular e que pode ser descartado ou substituído quando lhe for conveniente. As redes sociais enfatizam e disseminam a ideia do culto ao momento presente, pois à altura de um clique as conexões são feitas e refeitas, sem necessidade de compromisso ou mesmo remorso (Bauman, 2004).

A continuidade do sujeito em um estado narcísico, com sua libido retraída em si, parece acarretar em novas formas de subjetivação, incluso distintos sofrimentos psíquicos. A falta de uma autoridade real e simbólica que possa impor limites à fruição, faz com que o sujeito se mantenha em um estado de busca incessante pela completa satisfação, mesmo que isso tenha como consequência o descarte das relações e o adoecimento emocional.

Os sujeitos acreditam, nos dias de hoje, que o seu vazio interior possa ser preenchido por objetos de consumos, e a ordem da propaganda de mercadorias é ratificar, incansavelmente, a necessidade de consumir, caso contrário o sujeito se depara com o fracasso (Faverett *et al.* 2007).

Brum (2004) associa o narcisismo contemporâneo aos quadros da clínica atual de pacientes que parecem sofrer de vazios, porém que não conseguem nomear os seus sofrimentos. A autora relata que a sensação de vazio do sujeito parece estar vinculada a falhas precoces no desenvolvimento emocional, em especial com a função materna, e a decorrente estruturação de subjetividade dos indivíduos e formação de símbolos.

A crise da sociedade capitalista clássica, com a falência das instituições e das famílias, tem como consequência danos na constituição do sujeito psíquico. Zanetti (2012) observa como os relacionamentos modernos parecem afetar o desejo de relacionar-se e, da mesma forma, de ter filhos. Evidencia como o nascimento dos filhos pode trazer sofrimento psíquico aos pais, pela renúncia que precisam fazer

de si, ou seja, de seu narcisismo. O sofrimento também existe nos filhos, pelos danos psíquicos de não terem sido suficientemente olhados e desejados por seus pais, com vínculos primários da relação mãe-bebê muito vulneráveis.

Entende-se que a cultura denota ser um elemento essencial na constituição do psiquismo humano, visto a subjetividade ser construída e articulada dentro das relações culturais existentes. A ausência de sentido da pós-modernidade, com a fragilidade dos símbolos, termina por oferecer inúmeros sofrimentos ao sujeito. Como relata Dunker (2017), as pessoas não conseguem entender a sua infelicidade, associá-la hermeneuticamente, o que gera uma ampliação das modalidades narcísicas de inadaptação, inconformidade corporal, falta de intimidade e isolamento.

Assim, o adoecimento contemporâneo está associado ao surgimento de quadros clínicos que refletem o contexto histórico e cultural em que o indivíduo se encontra inserido. O que se percebe é que os tipos de sofrimentos da sociedade narcísica escapam dos quadros neuróticos clássicos, como os estudados por Freud no início do século XX. Fala-se em patologias do vazio que se associam ao narcisismo. Brum (2004) evidencia que essas patologias são “denominações diferentes para se dizer que são pacientes que sofrem de vazios, vazios esses oriundos de falhas precoces no primitivo vínculo mãe-bebê, e os bebês crescem e transformam-se em adultos que ainda portam esses vazios” (p. 49-50).

Outros autores, como Lazzarini e Viana (2010), retratam a mudança do perfil dos pacientes nos últimos anos na clínica psicanalítica, questionando, inclusive, o papel e a postura do analista frente às novas demandas. “Temos observado uma crescente preocupação, por parte de psicólogos e psicanalistas contemporâneos, com a modificação do perfil da demanda clínica, dando conta da ocorrência de um progressivo deslocamento dos quadros neuróticos clássicos para as patologias do narcisismo.” (p. 269).

Os adoecimentos atuais relacionam-se à experiência do vazio, à falta de sentido, ao tédio existencial, à perda de identidade. Observa-se, sobretudo, situações em que o indivíduo não consegue nomear seu sofrimento, caracterizando-o como

um mal-estar generalizado. Monti (2008) faz uma comparação entre as angústias vivenciadas na sociedade moderna com as dos tempos atuais: “A angústia da culpa foi substituída pela angústia da inadequação, do vazio, do déficit do desempenho, da insuficiência vexaminosa” (p. 240).

Os estados depressivos, por exemplo, parecem endêmicos, como um mal-estar generalizado que não apresenta um enquadre único nos manuais de psiquiatria. Como relata Monti (2008), categorizam-se inúmeros sintomas e inadequações sob a mesma moldura, a da depressão, o que tornou o quadro clínico inespecífico e vazio de significado. É importante perceber, neste caso, o que se chama hoje de depressão é diferente do descritivo realizado alguns anos atrás, existindo uma pluralidade de sintomas e significados diferentes para cada sujeito.

Ademais dos estados depressivos, vê-se também uma série de sofrimentos nas chamadas patologias atuais que retratam compulsões, adições, além das doenças somáticas. Com isso, pode-se afirmar que as patologias da contemporaneidade se afastam de questões já conhecidas e trabalhadas por profissionais do meio psicanalítico, que eram quadros, geralmente, relacionados a sexualidade, castração, desejo e seus desdobramentos. Os adoecimentos da sociedade pós-moderna parecem estar correlacionados a um momento mais primitivo do desenvolvimento, anterior mesmo ao Édipo. Sobre este fato, Lutenberg (1995) comenta que

Os pacientes que atendemos hoje em dia consultam mais por problemas derivados de verdadeiros vazios estruturais, onde por trás da palavra ausente há só o vazio, não há repressão. Nossos analisandos sofrem um verdadeiro travestismo mental, não são o que aparentam e não aparentam o que são. Mediante uma profunda excisão egóica conseguem que simultaneamente o ego se mostre alheio às notícias que chegam do próprio interior e só se interessem por aqueles estímulos que chegam do mundo externo. Conseguem assim desconectar-se da fonte de seus sentimentos e emoções. São pessoas que por trás da sobreadaptação têm construído um vínculo simbiótico com o mundo externo circundante. (Lutenberg, 1995, p. 133).

Para Faverett *et al.* (2007), percebe-se que o domínio, hoje, não é mais de um

Édipo ressentido, imerso em culpa e que necessita renunciar aos seus desejos. A lógica dominante é de Narciso, alheio à alteridade, importando-se apenas com seu próprio desejo e estimulado ao gozo ininterrupto. O sujeito atual é um narcisista que quer gozar sem culpa, e termina por deprimir-se ou somatizar, com manifestações voltadas ao corpo ou ao ato. Como afirmam os autores, o indivíduo da sociedade atual “é uma colagem de fragmentos, em incessante vir-a-ser, sempre aberto a novas possibilidades, um eu jamais acabado, com uma imensa dificuldade em reconhecer-se a si mesmo” (p. 44).

Green (1988) declara que nas patologias atuais Narciso substitui o Édipo, com o domínio de narcisismo dito negativo em oposição ao narcisismo de vida. Segundo o autor, existe um duplo narcisismo, o positivo (de vida), que caminha para a unificação, e o negativo (de morte), que remete à morte psíquica. O narcisismo negativo, que possui como características o impulso ao desinvestimento da libido, parece implicar uma satisfação através da não-satisfação do desejo. Evita-se, dessa forma, qualquer aumento de sobrecarga no aparelho psíquico, e esse fato pode estar na origem de inúmeros sintomas, considerando-se, então, que os sofrimentos psíquicos contemporâneos poderiam ser expressões da pulsão de morte, com uma função desobjetalizante da libido.

Outra reflexão proposta por Libermann (2010) é a de que as chamadas patologias contemporâneas não são, na verdade, novos quadros clínicos, visto que são sofrimentos que sempre acompanharam a humanidade. O autor defende que a prática psicanalítica sofreu e sofre alterações no momento presente, necessitando expandir seus conhecimentos para abranger todas as organizações e adoecimentos que se apresentam na clínica atual, incluindo aqueles que podem estar relacionados, no desenvolvimento emocional do sujeito, a uma fase anterior às representações. Dessa forma, segundo o autor, a prática analítica deve dar conta das manifestações tão recorrentes nos tempos atuais que se caracterizam, em sua maioria, pela insuficiência de simbolização, com o domínio de sintomas no corpo ou no ato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade pós-moderna passou por inúmeras transformações que afetaram os sujeitos, suas constituições e relacionamentos. Percebe-se que os conceitos

psicanalíticos desenvolvidos no início do século XX por Freud continuam a aplicar-se na contemporaneidade. No entanto, constatam-se padecimentos psíquicos que possuem características diferentes das estudadas anteriormente.

No momento presente, prevalecem sintomas associados ao fracasso do simbólico, e há uma pluralidade de adoecimentos que estão aquém do processo de representação. A sociedade contemporânea pós-moderna, com seus laços frágeis e características imediatistas, produz um sujeito narcísico, com defesas de ordem regressiva, em um instante considerado ainda pré-ediípico do desenvolvimento.

A prática psicanalítica, com todas suas vicissitudes, parece ainda arraigada ao momento anterior das neuroses clássicas, que possuíam ligação direta com questões edípicas de sexualidade e castração. As novas configurações e particularidades da sociedade vigente trazem ao sujeito sofrimentos que se relacionam diretamente à insuficiência do simbólico e ao vazio das representações, parecendo, dessa forma, confrontar o enquadre analítico tradicional e urgindo por maiores estudos e entendimento dessas manifestações.

Lutenberg (2003) apresenta uma reflexão acerca das modificações da atual prática clínica, dentro de uma sociedade que passou por tantas transformações estruturais, além de observar o próprio desenvolvimento que a psicanálise sofreu ao longo dos anos, com a multiplicidade de novos autores, teorias e estudos. Diante dessa conjuntura, o autor refuta a ideia de que os analistas permaneçam os mesmos de algumas décadas atrás, questionando se “poderemos ser os mesmos clínicos se dermos por válidas as variações teóricas que já foram aceitas dentro do discurso científico da psicanálise contemporânea?” (p. 99)

O pensamento do autor supracitado assemelha-se ao de Libermann (2010), ao reforçar o entendimento de que a prática clínica e o clássico enquadre do *setting* analítico deve acompanhar as modificações que a sociedade sofre constantemente, incluindo as mudanças da própria relação entre analista e paciente. Ele propõe a ideia de que se a civilização mudou, revelando indivíduos com características associadas a um simbólico fragilizado e a um estado narcísico permanente, a prática analítica também deve ser um espaço potencial de criatividade, que inclua as transmutações dos sujeitos.

Dito isso, faz-se necessário o entendimento, por parte da comunidade psicanalítica, da importância de continuar e aprofundar os estudos da clínica contemporânea, inclusive seus adoecimentos psíquicos, considerando como fator fundamental e determinante as transformações que a sociedade sofre e os impactos destas na constituição do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- Azambuja, D. C. (2012). Solidão e pós-modernidade. *Ide*, 35 (54), 73-79. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013106201200100008&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 5 jan. 2018.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brum, E. H. M. de. (2004). Patologias do vazio: um desafio à prática clínica contemporânea. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (2), 48-53. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000200006>. Acessado em: 14 jan. 2018.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo.
- Dunker, C. I. L. (2017). *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu.
- Faverett, B. M. S., Mendonça, A, L da S., Coelho E. R. & Faustino, R. R. (2007). Eros no Século XXI: Édipo ou Narciso? *Tempo Psicanalítico*, 39: 35-50. Disponível em: <http://www.spid.com.br/revistas/r39/03%20TP39%20%20Bianca%20Maria%20Sanchez%20Faveret%20et%20al.pdf>. Acessado em: 15 fev. 2018.
- Freud, S. (2013). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras Completas Volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos* (pp. 108 – 121). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2015a). Introdução ao narcisismo. In *Obras Completas Volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (p. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2015b). Os instintos e seus destinos. In *Obras Completas Volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (p. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.; p. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lasch, C. (1999). *La Cultura del Narcisismo*. Andrés Bello.
- Lazzarini, E. R., & Viana, T. de C. (2010). Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. *Análise Psicológica*, 28 (2): 269-280. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&tpid=S087082312010000200003&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 13 mar. 2018.
- Libermann, Z. (2010). Patologias atuais ou psicanálise atual? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44 (1): 41-49. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&tpid=S0486-641X2010000100007&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 24 abr. 2018.
- Lipovetsky, G., & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lutenberg, J. (1995). Simbiosis defensivas e identificaciones estruturantes. *Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, nº 21.
- Lutenberg, J. (2003). As modificações da clínica psicanalítica atual. *Revista CEP de PA*, 10 (1), 2003.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Minerbo, M. (2013). Ser e sofrer, hoje. *Ide*, 35 (55): 31-42. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&tpid=S0101-31062013000100004&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 21 mar. 2018.
- Monti, M. R. (2008). Contrato narcisista e clínica do vazio. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 11 (2): 239-253. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142008000200006>. Acessado em: 21 mar. 2018.
- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: Winnicott, (1958) *Da Pediatria à Psicanálise*: Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 218-232.
- Zanetti, S. A. (2012). *A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existência contemporâneas e a herança psíquica geracional*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/108576/a-opcao-por-nao-se-vincular-amorosamente-de-maneira-compromissada-entre-as-condicoes-de-existencias/>. Acessado em: 7 abr. 2018.